

Álvaro de Campos

**No meu verso canto comboios, canto automóveis, canto vapores,**

No meu verso canto comboios, canto automóveis, canto vapores,  
Mas no meu verso, por mais que o ice, ha só ritmos e ideias,  
Não há ferro, aço, rodas, não há madeiras, nem cordas,  
Não há a realidade da pedra mais nula da rua,  
Da pedra que por acaso ninguém olha ao pisar  
Mas que pode ser olhada, pegada na mão, pisada,  
E os meus versos são como ideias que podem não ser compreendidas.

O que eu quero não é cantar o ferro: é o ferro.  
O que eu penso é dar só a vida do aço — e não o aço —  
O que me enfurece em todas as emoções da inteligência  
É não trocar o meu ritmo que imita a água cantante  
Pelo frescor real da água tocando-me nas mãos,  
Pelo som visível do rio onde posso entrar e molhar-me,  
Que pode deixar o meu fato a escorrer,  
Onde me posso afogar, se quiser,  
Que tem a divindade natural de estar ali sem literatura.  
Merda! Mil vezes merda para tudo o que eu não posso fazer.  
Que tudo, Walt — [...] ? — que é tudo, tudo, tudo?

Todos os raios partam a falta que nos faz não ser Deus  
Para ter poemas escritos a Universo e a Realidades por nossa carne  
E ter ideias-coisas e o pensamento Infinito!  
Para ter estrelas reais dentro do meu pensamento-ser  
Nomes-números nos confins da minha emoção-a-Terra.

s. d.

«Saudação a Walt Whitman». Álvaro de Campos — Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993: 24s.